



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

poesia do que já esqueci

Arthur Cardoso

Arthur Cardoso

poesia do que já esqueci

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de
Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como parte dos requisitos necessários à obtenção do
grau de bacharel em Artes Visuais - Escultura.**

Orientador(a): Prof. Dr. Jorge Soledar

**Rio de Janeiro
2023**

CIP - Catalogação na Publicação

S237p Santos, Arthur Franklin Cardoso dos
poesia do que já esqueci / Arthur Franklin
Cardoso dos Santos. -- Rio de Janeiro, 2023.
54 f.

Orientador: Jorge Soledar.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Artes Visuais: Escultura,
2023.

1. Arte Contemporânea. 2. Memória. 3.
Esquecimento. 4. Trauma. I. Soledar, Jorge, orient.
II. Título.



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Letras e Artes
Escola de Belas Artes
Departamento Artes Visuais/Escultura – BAE

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 21 dias do mês de novembro de 2023, às 10:30 horas, realizada na sala 230, Bloco D, Prédio da EBA/FAU, na cidade do Rio de Janeiro, constituiu-se em sessão pública a Banca Examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Visuais-Escultura do discente Arthur Cardoso, matrícula DRE 117218089, composta pela Professora Dra. Gabriela Mureb (BAE-EBA/UFRJ), Professora Dra. Marina Fraga (BAE-EBA/UFRJ) e presidida pelo Professor Orientador Dr. Jorge Soledar BAE-EBA/UFRJ. O discente apresentou o trabalho de conclusão de curso intitulado "Poesia do que já esqueci". Após arguição e defesa, a Banca reuniu-se para avaliação final, cujas observações seguem abaixo:

Observações: A banca destaca a qualidade da produção plástica, demonstrando domínio técnico-poético na construção plástica dos trabalhos artísticos. Destaca também o mergulho subjetivo que permitiu a descoberta de uma questão poética e da inquietude artística apresentada no TCC. Recomendada o aprofundamento da articulação teórica na escrita em seus próximos passos.

Nesses termos, o discente foi considerado aprovado com nota final 9. A Banca foi encerrada às 12:00. Na qualidade de Presidente de Banca de TCC lavrei a presente ata, assinada por mim e pelos dois examinadores convidados.

Orientador e Presidente da Banca: Prof. Dr. Jorge Soledar (BAE-EBA/UFRJ)

Examinadora Professora. Dra. Gabriela Mureb (BAE-EBA/UFRJ)

Examinadora Professora. Dra. Marina Fraga (BAE-EBA/UFRJ)

Agradecimentos

Sou grato pela ancestralidade e cada resquício de memória que veio antes de mim, os espectros do passado me acompanharam até aqui.

Faço deste um presente para minha avó, Dna. Vera Lúcia, que, mesmo estando em outro plano, continua a me guiar pelas dificuldades como fazia em vida. Estaria mentindo se dissesse que tudo não foi por você. Aqui te eternizo pelas palavras.

Para minha querida mãe, Marcia, que me ensinou tudo o que sabia e me mostrou como ser a melhor versão de mim mesmo. Só não lhe prometo o mundo, pois estaria apenas devolvendo o que você me deu desde nosso primeiro momento juntos.

Para Joseph e Beatriz, que, apesar de tudo, permaneceram aqui comigo e vivenciaram esse processo torturante de tabela. Sem vocês mantendo minha mente sã, eu não conseguiria chegar aqui e agora.

Especialmente para meu orientador, Jorge Soledar, que topou lidar comigo e minhas dificuldades por longos meses e o fez com muita paciência.

Para Gabriel, Luiane, Hyan, Jéssica, Sara, Rafaelle, Nairesther, Eduarda, Nathália, Mare e muitos outros que participaram de minha trajetória. Levo vocês em meu coração.

Com carinho, admiração e gratidão.

Thur.

**“ Todas as noites, lembranças ruins que o menino queria esquecer
ressurgiam em seus sonhos e o atormentavam sem parar.”**

(YONG, 2021)

Sumário

Resumo	05
Introdução: Meu medo é ser esquecido...	06
Do pouco que lembro...	11
Por onde lembrei de passar...	15
Sobre minhas festas...	24
Cuidado para não quebrar...	38
Considerações Finais	45
Banco de Imagens	51
Referências	52

Resumo

Este Trabalho de Conclusão de Curso é parte da avaliação final da graduação em Artes Visuais com habilitação em Escultura. O mesmo tem como intenção analisar as relações entre memória e arte, partindo de minhas obras produzidas durante o período que estudei no curso e de uma visão da memória como luto, passando por experiências de esquecimento e melancolia, até aceitar a condição de não se poder viver sem a memória. Teóricos como Henri Bergson, Sigmund Freud e Carl Jung são a base para tal, assim como a produção artística de Tracey Emin e Susan Hiller. Além disso, este trabalho também tem como inspiração o livro “O menino que se alimentava de pesadelos” da escritora fictícia Ko Moon-young, idealizado pelos sul-coreanos Jo Yong, escritora, e Jam San, ilustrador.

Introdução

Meu medo é ser esquecido...

A memória e o esquecimento chegaram até mim após a morte de uma pessoa muito querida. Minha avó veio a falecer no fim de 2018, algumas semanas antes de meu aniversário, e, com esse fato, pude experimentar o gosto do luto em primeira mão.

Para mim, parecia que sentia mais que os outros, pois, enquanto fiquei remoendo o fato por meses, outros parentes próximos voltaram a viver normalmente como se nada houvesse acontecido após alguns dias.

A partir daí, comecei a me relacionar com as ideias de memória e esquecimento a fundo, já que tinha medo de que as pessoas haviam esquecido de quem minha avó havia sido em vida e que não merecia estar nas memórias de meus entes.

Parto, então, em uma introspecção em busca das minhas próprias memórias.

Quando jovemzinho, o medo girava em torno do conceito literal de se esquecer de alguém. Como ser esquecido na hora da saída da escola ou esquecido dentro de uma loja cheia de estranhos.

“ Ora, é um fato de observação comum a "exaltação" da memória em certos sonhos e em certos estados sonambúlicos. Lembranças que se acreditavam abolidas reaparecem com uma exatidão impressionante: revivemos em todos os detalhes cenas da infância inteiramente esquecidas; falamos línguas que não lembrávamos sequer de ter aprendido. ”

(BERGSON, 1999)

Certa vez sonhei com esse último caso, onde ficava perdido dentro de uma loja de tecidos e dava a mão para quem acreditava que era minha mãe. Acordava no meio da noite quando percebia que segurava a mão de um desconhecido e estava sendo levado embora.

Conforme crescia, tal medo se tornava da subjetividade do esquecimento, de não ser lembrado, de se perder na memória do outro.

Nessa fase da vida, parei totalmente de sonhar e aquelas situações que o subconsciente criava para me guiar, acabaram caindo no esquecimento também.

Desde então, busco formas de me manter presente nas lembranças daqueles a minha volta.

Freud menciona “memória simbólica” como aquela passível de sofrer a ação do esquecimento. Penso, então, em minha pesquisa artística como uma maneira, mesmo que temporária, de combater a questão do esquecimento, me apropriando do que já esqueci e do que me forcei a esquecer.

Dessa forma, inicio o processo com uma busca pelas lembranças do começo de minha jornada acadêmica, aceitando a realidade de não se lembrar e buscando novos pares e inspirações.

Sigo, então, comentando minha produção e relacionando-as com nomes como Bergson, Jung e Freud. Escolho temáticas que, mesmo pessoais, possam atravessar diferentes grupos de indivíduos, numa relação de mão dupla, onde: 1) Faço uso de minhas obras como meio dos espectadores conhecerem uma parte de mim e atravessar suas memórias com minhas vivências e 2) As mesmas servem de lembretes físicos para que eu não esqueça quem já fui e pelo que passei um dia.

Faço uso também de textos pessoais, indicados em *itálico* no corpo do texto, que escrevi sobre minhas obras e os sentimentos e lembranças que as mesmas me evocam.

Assim como me aproprio de passagens do livro “O menino que se alimentava de pesadelos” adicionadas entre capítulos, indicadas em páginas exclusivas de fundo preto, contando a história principal do livro que se relaciona com as temáticas de memória e esquecimento.

**“Por favor, senhora bruxa, apague todas as lembranças ruins da
minha cabeça, para que não tenha pesadelos nunca mais!
Se atender o meu desejo, darei o que quiser!”**

(YONG, 2021)

Do pouco que lembro...

Gosto de pensar que o meu percurso artístico verdadeiramente começou perto do fim da pandemia ocasionada pela Covid-19.

Ainda afetado pelo luto de alguns meses antes, o isolamento veio como um trem em alta velocidade. Ironicamente, não passei pelo processo do luto novamente. Tive sorte de não perder pessoas importantes.

Creio que a Covid-19 seja um bom exemplo de esquecimento e criação forçada de memória. De acordo com o site oficial do governo federal sobre o coronavírus (covid.saude.gov.br), temos no total, ainda que subnotificados, mais de 700 mil óbitos pela doença. Mais de 700 mil vidas que acabaram em esquecimento, que tiveram suas vidas e histórias reduzidas a memórias gravadas na mente de quem sobrou por aqui.

“

- People forget what hurts, i think.

- Never enough, Irving, Never enough.

”

(THE SUICIDE, 2019)

A pandemia fez com que todos precisássemos recalcular rota. Comigo não foi diferente.

Ingressei no curso em 2017, atuando presencialmente até o início de 2020, quando o isolamento obrigatório se iniciou. Particularmente, não me recordo de muitas coisas desse período de tempo.

Obviamente, lembro de fatos específicos, mas são exceções.

Uma grande dificuldade que me deparei durante o processo deste projeto de finalização de curso foi não me lembrar o que pensava conceitualmente durante a criação de obras e peças. Quando encontrava um rabisco, um pensamento ou uma ideia da época, tais conceitos já não faziam mais sentido com o atual.

Assim, parto numa jornada para (re)encontrar referências, artistas e inspirações que conversassem com minha visão recente das obras que apresento aqui...

**“Está bem. Eu apagarei todas as lembranças ruins. E só quero
uma coisa em troca. Prometa que, daqui a vinte anos,
você terá se tornado um adulto feliz. (...)
Se não conseguir cumprir essa promessa, eu colherei sua alma.
Então, por favor, cresça e seja um adulto feliz”**

(YONG, 2021)

Por onde lembrei de passar...

Me sinto na obrigação de comentar, primeiramente, sobre a produção artística de algumas pessoas que vieram a me inspirar mesmo depois de ter minhas obras realizadas.

Tracey Emin é uma artista britânica nascida nos anos 60 que possui produção focada em sua própria vida e experiências. "**May Dodge, My Nan**" é composto por uma coleção de itens (duas fotografias de álbuns de família e dois objetos-relíquias) que lembram a artista de sua avó, além de uma carta escrita à mão relatando a relação que ambas tinham.



Figura 1. *"May Dodge, My Nan"* (1993), Tracey Emin. Tate, Presented by Tate Members 2004. © Tracey Emin Foto: © Tate

A obra se faz muito especial para mim. Quando minha avó veio a falecer, não existia um pensamento em minha cabeça que não envolvesse ela. Tudo que a lembrava, os pequenos hábitos, as coisas que ela não chegou a conhecer. Isso acabou resultando em um projeto falando sobre esse sentimento alguns anos depois.

Com uma espécie de memorial para sua avó, Emin produz sua primeira exposição individual, ***“My Major Retrospective”***, onde a mesma expõe uma coleção de itens que colecionou durante toda sua vida, desde de brinquedos, lembranças, diários, além de fotografias e peças que a lembrem de familiares. O nome da exposição brinca com a ideia de que os momentos importantes de sua vida e carreira já haviam acontecido.

A exposição da artista conceitualmente me lembra de um trecho levantado por Bergson em seu livro ***“Matéria e Memória”***:

“ (...) Digamos inicialmente que, se colocarmos a memória, isto é, uma sobrevivência das imagens passadas, estas imagens irão misturar-se constantemente à nossa percepção do presente e poderão inclusive substituí-la. Pois elas só se conservam para tornarem-se úteis: a todo o instante completam a experiência presente e enriquecendo-a com a experiência adquirida; e, como esta não cessa de crescer; acabará por recobrir e submergir a outra. ”

(BERGSON, 1999)

A partir deste trecho, acredito nessa batalha entre memória e presente. Especialmente, penso na ideia de que a todo momento criamos novas memórias. O que vivenciamos a um segundo atrás já não é mais presente, já virou memória. Então, o que se é julgado como uma experiência banal no presente, deveria ficar na memória?

Nesse sentido, trago o trabalho “**Monument**” de Susan Hiller, artista norte-americana conhecida por sua produção em diversos formatos e mídias, que, infelizmente, veio a falecer em 2019, aos 78 anos.

A instalação de Hiller é composta por 41 placas pelas quais a artista viu em um parque localizado em Londres. Tendo uma placa para cada ano de sua vida, a artista faz uso desses memoriais que fazem referência a pessoas comuns que vieram a falecer enquanto cometiam atos heróicos.



Figura 2. "Monument"(1980-81), Susan Hiller. Tate, Purchased 1994. © Susan Hiller Fotos: © Tate



Figura 3. “Monument”(1980-81), Susan Hiller. Tate, Purchased 1994. © Susan Hiller Fotos: © Tate

Além disso, *“Monument”* possui um banco característico de parques e praças com um fone de ouvido e um toca fitas sobre ele. Na fita, a artista faz um comentário sobre a natureza do heroísmo, além de tocar nos assuntos de morte, memória e representação.

O trabalho da artista usa como ponto de partida o termo “artefatos culturais” (*“cultural artefacts”*). Tais artefatos possuem diversas formas, mas Hiller foca em ideias, eventos ou objetos que são ignorados ou foram esquecidos. A partir dessa ideia de eventos esquecidos, apresento algumas de minhas obras pessoais.

“Se todas as minhas lembranças ruins foram apagadas, por que não consegui ser feliz?”

(YONG, 2021)

Sobre minhas festas...

Nasci em 31 de Dezembro de 1999.

Último dia do ano, último dia do século e último dia do milênio.

Tal data influenciou uma boa parte de minha vida, fato que acabou servindo de inspiração para duas obras e uma exposição individual, todas relacionadas por pontos em comum: datas de aniversários, bolos e festas.

“ Aquilo a que nós chamamos de símbolo poder ser um termo, um nome, ou até uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações específicas além de seu significado convencional e óbvio, Implica algo vago, desconhecido para nós... Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além de seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem um aspecto “inconsciente” mais amplo que não é nunca precisamente definido ou plenamente explicado. ”

(JUNG, 1999)

De acordo com Jung, acredito que nessa linha de produção, tanto a temática como a presença literal do bolo se debruçam na ideia do símbolo, de forma com que o objeto bolo também se torna ritualístico durante o processo de criação dos três projetos envolvidos aqui.

“Quando meu dia era especial” (2022) é a primeira das três obras irmãs, formada por uma fotografia em preto e branco/escala de cinza. A foto é composta por um bolo falso com um fundo em cetim branco.

Este projeto retrata a ideia do aniversário. Penso nele como uma representação da minha relação com minhas festas quando jovem. Durante o planejamento e montagem das mesmas, tudo parecia especial e único, como um aniversário infantil deve ser.

“ *Sublinhar a importância das primeiras vivências não implica subestimar o peso das vivências posteriores; mas essas posteriores impressões da vida fala com clareza pela boca do paciente, enquanto o médico tem de erguer a voz em favor da infância..* **”**

(FREUD, 1964)

“... após isso, as festas viraram reuniões familiares, em seguida viraram encontros de algumas pessoas e, por fim, virou um dia da semana em que recebo mais ligações e mensagens que o normal e como bolo com minha mãe antes da virada do ano.

Eu nunca quis parecer miserável por nascer no último dia do ano, mas por vezes me comparava com outras pessoas da minha idade. Eu sempre era o convidado e nunca o principal que convidava os outros...”



“Precisamos de seu Dia” (2022), pensada no campo da arte pública, se dá a partir do movimento de acender a vela que se encontra em cima do bolo na obra anterior, e, então, criar anúncios como resultado dessa ação e espalhar pelas ruas de Nilópolis, na baixada fluminense, onde moro atualmente.

Conceitualmente, considero ritualística a ação de acender a vela, no sentido de que meu aniversário já não é mais especial e relevante.

Nascer no último dia do ano configurou dividir festas com as comemorações de ano novo e férias e, tal ação, geralmente considerada irrelevante, toma um significado místico de que, em breve, o foco do dia não será mais sobre mim.

Assim, em junção deste fato com as referências de intervenções urbanas como “Carne de Rã” e “Trago seu amor de volta em 7 dias”, surge a ideia de produzir uma espécie de “serviço” fictício de troca de datas de aniversário, pensado para pessoas que não apreciam os dias de seus nascimentos e gostariam de trocá-los com outros semelhantes, além de produzir um endereço de e-mail real e funcional para que os interessados entrem em contato.

“...desde muito novo, tive que lidar com os constantes desejos de aniversário atrasados pois “esqueci durante o réveillon”, “estava ocupado organizando a virada aqui em casa”.

sinto que sempre fui injusto e egoísta sobre esse assunto, até porque demandar lembrança de outras pessoas não é a melhor atitude.

mas aconteceu. e com pouca idade, eu já me sentia sozinho durante minhas celebrações. o sentimento era ser esquecido. e agora um fato divertido: não existe uma pessoa que tenha passado todos meus aniversários comigo...”



Figura 5. “Precisamos de seu Dia” (2022), Arthur Cardoso. Intervenção urbana composta por cartazes impressos em tamanho A4.

"Todas as que Nunca tive" (2022) é o ato de despecho em "Sobre minhas festas".

A exposição concentra os aspectos levantados nas duas obras anteriores, resultando numa instalação interativa que, como o nome sugere, sintetiza todas as festas infantis que não pude realizar por conta da data de meu aniversário.

Assim, trago como elemento principal o bolo falso que esteve presente por todas as fases desta temática como mencionado anteriormente, além de decorações para festas infantis no intuito de criar ambientação reconfortante porém com um toque maníaco com a quantidade de painéis infantis e, também, elementos únicos a exposição, como fotos de família nas poucas festas que ocorreram e doces/guloseimas que existiam na época das mesmas.

"...trago então a questão da memória e apagamento para próximo de minha realidade e vivência. assim, construo uma realidade temporária onde convido as pessoas (mesmo que desconhecidas) a participar simultaneamente de todas as comemorações de aniversário que nunca pude ter."

“ *O Trabalho apresentado (...) é um convite ao público para que assim como o artista, esteja disposto a mergulhar dentro de si próprio e entrar em contato com o seu passado, através de uma revisitação e reinterpretação de suas memórias. Seu trabalho é composto por um panorama psíquico, uma garga subjetiva e quase psicanalítica que se manifesta na ação de reintegração do passado com o presente. Ainda que ele seja composto de algumas memórias desagradáveis e venham de um lugar de um lugar de trauma, são de grande importância, uma vez que essas mesmas memórias não o deixam esquecer de suas raízes e o que o trouxe até aqui.* ”

(KOCK, 2022)



Figura 6. “Todas as que Nunca tive” (2022), Arthur Cardoso. Exposição individual, tamanhos variados. Registros de Alícia Nolyq.



Figura 7. "Todas as que Nunca tive" (2022), Arthur Cardoso. Exposição individual, tamanhos variados. Registros de Alícia Nolyq.



Figura 8. “Todas as que Nunca tive” (2022), Arthur Cardoso. Exposição individual, tamanhos variados. Registros de Alícia Nolyq.



Figura 9. “Todas as que Nunca tive” (2022), Arthur Cardoso. Exposição individual, tamanhos variados. Registros de Alícia Nolyq.



Figura 10. “Todas as que Nunca tive” (2022), Arthur Cardoso. Exposição individual, tamanhos variados. Registros de Alícia Nolyq.



Cuidado para não quebrar...

Aqui nos dividimos em duas obras, onde discorro sobre a ideia de pequenos itens delicados (tanto literal como subjetivamente) que evocam memórias e servem como lembretes para não me esquecer de onde vim e quem passou por mim.

“**Receptáculo**” (2022) consiste em um pequeno tubo de plástico contendo em seu interior os mais diversos itens: sementes, conchas, uma oração, um grampo de cabelo, etc, além da tampa possuir uma insígnia de rosa.

Durante a idealização deste projeto, me veio um sentimento de nostalgia. Uma vontade de lembrar de coisas que já passaram. Então, faço uso de pequenos itens que ganhei como “lembrei de você” ou que encontrei por acaso, ao longo dos anos. Parto da ideia de um receptáculo de memórias, onde os itens funcionam como pequenos vestígios preciosos dentro de uma urna idealizada..



Imagem 12. "Receptáculo" (2022), Arthur Cardoso. Peça escultórica composta por itens de tamanhos variados. Fonte: Acervo pessoal.



Imagem 13. “Receptáculo” (2022), Arthur Cardoso. Peça escultórica composta por itens de tamanhos variados.

“O Último Reflexo” (2022) foi a obra que veio à vida a partir dos sentimentos em relação ao falecimento de minha avó comentados no capítulo 2. Consiste em uma caixa de jóias repleta de alfinetes de costura, com um antigo pente quebrado apoiado sobre os alfinetes.

O pente foi um item que minha avó me emprestou antes de falecer e que não tive oportunidade de devolvê-lo. Quanto aos outros itens, ambos foram inspirados nas lembranças que tenho da mesma, uma caixa de jóias para que fosse sempre lembrada por sua delicadeza e glamour, mas repleta de alfinetes por dentro para que não me esqueça do quão dolorosa a perda foi e ainda continua sendo.

“O que é relevante para a memória? Memória se mostra bem mais que apenas reviver o passado. Memórias são as possibilidades de se conectar com antepassados e tradições, além de nos dar a dignidade de sermos nós mesmos e ter paz com as marcas de nosso passado, podendo reavaliar nossas decisões para podermos melhor julgar um futuro ainda inexistente.

(...) Admiro muito as chamadas “lebrancinhas”, pequenos presentes que comprovam que alguém lembrou de você enquanto não estava por perto, justamente por não recebê-los normalmente. Levo comigo a ideia de Tesouro Familiar. Pequenas lembranças materiais que ajudam a não esquecer de onde vim, quem veio antes de mim e o que fizeram por aqui. (...)

Reconheço a memória aqui como uma lista de objetivos, como aquelas “metas para o novo ano”. Como a memória pode me ajudar a não ser como fui no passado? Será preciso mudar?”

“ *Freud sugere que todo comportamento se inter-relaciona, que não há acaso psicológico - que algumas de suas escolhas de pessoas, lugares, alimentos e divertimentos são proveniente de experiências das quais você não lembra ou não pode se lembrar. Se sua memória para acontecimentos passados é, na realidade, uma mistura de recordações precisas e mais algumas alusivas e distorcidas, como poderá saber o*

que na verdade aconteceu? O que importa? ” **”**

(BERGSON, 1999)



Figura 14. “O Último Reflexo” (2022), Arthur Cardoso. Peça escultórica composta por itens de tamanhos variados.

**“Enquanto colhia sua alma conforme prometido, a bruxa respondeu:
‘As lembranças dolorosas de sofrimento...
As lembranças de arrependimentos...
As lembranças de magoar e ser magoado...
As lembranças de ser abandonado e rejeitado...
Somente aqueles que vivem guardando essas
lembranças num cantinho do coração são capazes
de se tornarem mais fortes, mais calorosos, mais flexíveis.
A felicidade é conquistada justamente por quem age assim.”**

(YONG, 2021)

Considerações Finais

Incio o fim evidenciando a dificuldade em discorrer sobre esquecer.

A memória sempre se apresentou para mim como um gatilho melancólico, uma forma de me lembrar de experiências ruins e de como me deixei abalar por tais.

O que realmente importa na memória? Até porque a maioria delas já esqueci.

Busco em minha produção um meio de compreender o que já não me lembro mais. Não simplesmente lembrar. Fazer uma introspecção, aceitar a perda e o que exatamente surge a partir dela. Medo? Temor? Indiferença? Paz?

Trato minhas lembranças, até mesmo as que não lembro, como itens preciosos porque sei que algum dia já foram. Agora só restam vestígios.

O fator “produção” abre portas conceituais e espirituais para que possamos despejar o que está preso em nós. Não no sentido de abandonar nossas cargas com terceiros, mas abrir nossas guardas e deixar que seus olhares nos atravessassem carregados de semelhança, curiosidade e afeto.

Quando Jung comenta sobre a sombra sendo o centro do inconsciente pessoal, contendo experiências, vontades e até memórias que foram recusadas por não combinarem com a forma com que a pessoa se apresenta ao mundo e, até mesmo, contrárias ao senso comum, imagino que encaro minha jornada conceitual como uma forma de entender onde se encontra o equilíbrio entre o que simplesmente me esqueci e o que me esqueci como mecanismo de defesa. Produzo como forma de entender, como forma de me entender.

“ *No momento em que achamos que a compreendemos, a sombra aparecerá de outra forma. Lidar com a sombra é um processo que dura a vida toda, e que consiste em olhar para dentro e refletir honestamente sobre aquilo que vemos lá.* ”

(Fadiman E Frager, 1999)

De certa forma, não sei como concluir tal assunto tão complexo.

A memória e o esquecimento não são um problema a ser resolvido.

Sinto que fui injusto e não os encarei assim por grande parte desse processo.

Abro a possibilidade para o eu do futuro continuar essa prosa, até porque, ainda que siga esquecendo, a memória nunca se acaba.

A cada segundo que se passa um fragmento de lembrança se forma. A cada segundo que se passa um fragmento de lembrança se esquece. A cada segundo que passa um novo fragmento de realidade se vive.

Desde que entrei nesse curso de graduação minha mãe sempre me falou que “pra ser artista, você precisa abrir seu coração e deixar as pessoas se aproximarem de você”.

Então, chego neste fim de ciclo com coração aberto. Minha intenção com este projeto era de ser o mais sincero possível com todos que passaram por mim.

Assim, encerro com uma única mensagem, tanto para mim, como para quem o ler.

Espero que não se esqueçam de mim...

“Portanto, não se esqueça de nada. Não esqueça e supere. Se não conseguir, será apenas uma criança cuja alma não cresce.”

(YONG, 2021)

Banco de Imagens

Figura 1. Obra de Tracey Emin	16
Figura 2. Obra de Susan Hiller 1	19
Figura 3. Obra de Susan Hiller 2	20
Figura 4. “Quando meu dia era especial” Fotografia	27
Figura 5. “Precisamos de seu Dia” Cartaz em A4	30
Figura 6. “Todas as que Nunca tive” Exposição Individual 1	33
Figura 7. “Todas as que Nunca tive” Exposição Individual 2	34
Figura 8. “Todas as que Nunca tive” Exposição Individual 3	35
Figura 9. “Todas as que Nunca tive” Exposição Individual 4	36
Figura 10. “Todas as que Nunca tive” Exposição Individual 5	37
Figura 11. “Todas as que Nunca tive” Exposição Individual 6	38
Figura 12. “Receptáculo” Peça Escultórica 1	39
Figura 13. “Receptáculo” Peça Escultórica 2	40
Figura 14. “O Último Reflexo” Peça Escultórica	43

Referências

YONG, Jo. O menino que se alimentava de pesadelos : um conto de fadas de Ko Moon-young / Jo Yong ; [ilustração Jam San] ; tradução Jae hyung Woo - 1. ed - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

FREUD, S. Batem numa criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais (1919). Obras completas. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. 14.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. Teorias da Personalidade. São Paulo: HARBRA, 1986.
JUNG, C.G., ed. 1964. O Homem e seus Símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

BERGSON, Henri. Matéria e memória : ensaio sobre a relação do corpo com o espírito / Henri Bergson ; tradução Paulo Neves. - 2- ed. - São Paulo : Martins Fontes, 1999.

MANCHESTER, Elizabeth. May Dodge, My Nan 1963–93: Tracey Emin. Rio de Janeiro, 2004.
Disponível em:
<https://www.tate.org.uk/art/artworks/emin-may-dodge-my-nan-t11886>.
Acesso em: 8 set. 2023.

MY Major Retrospective 1963-1993: Tracey Emin. [S. l.], [1993].
Disponível em:
<https://www.whitecube.com/gallery-exhibitions/my-major-retrospective-1963-1993>.
Acesso em: 8 set. 2023.

RATTEE, Kathryn. Monument 1980–1: Susan Hiller. [S. l.], 2003.
Disponível em:
<https://www.tate.org.uk/art/artworks/hiller-monument-t06902>.
Acesso em: 8 set. 2023.

THE SUICIDE of Rachel Foster: Daedalic Entertainment, 2019. Jogo eletrônico.

CARDOSO, Arthur. Todas as que nunca tive. Catálogo de exposição, 18 jul. 2022, UFRJ. Texto curatorial por Lorena Kock.